

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

**ANÁLISE DO USO E CONHECIMENTO DA TABELA DE OGINO-KNAUSS
(TABELA DO CICLO MENSTRUAL) POR ESTUDANTES DOS CURSOS DE
CIÊNCIAS BIOMÉDICAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**

Adriana Marques Pereira

Monografia apresentada à coordenação do curso
de Ciências Biológicas da Universidade Federal
de Uberlândia, para obtenção do grau de
Bacharel em Ciências Biológicas.

**UBERLÂNDIA – MG
2006**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

**ANÁLISE DO USO E CONHECIMENTO DA TABELA DE OGINO-KNAUSS
(TABELA DO CICLO MENSTRUAL) POR ESTUDANTES DOS CURSOS DE
CIÊNCIAS BIOMÉDICAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**

Adriana Marques Pereira

Prof. Mst. Bruno Lassmar Bueno Valadares

Monografia apresentada à coordenação do curso
de Ciências Biológicas da Universidade Federal
de Uberlândia, para obtenção do grau de
Bacharel em Ciências Biológicas.

UBERLÂNDIA – MG
2006

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

**ANÁLISE DO USO E CONHECIMENTO DA TABELA DE OGINO-KNAUSS
(TABELA DO CICLO MENSTRUAL) POR ESTUDANTES DOS CURSOS DE
CIÊNCIAS BIOMÉDICAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**

Adriana Marques Pereira

Aprovado pela Banca Examinadora em: ____/____/____. Nota: ____

Prof. M^{sc}. Bruno Lassmar Bueno Valadares
(Orientador)

Prof. Esp. Eleusa Gallo Rosenberg
(Convidada)

Prof. Esp. Alessandra Cristina da Silveira
(Convidada)

UBERLÂNDIA – MG
ABRIL/2006

**A Deus;
A meus pais;
A meus mestres;
A meus colegas.**

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela vida e pelas oportunidades concedidas, afim de que eu pudesse chegar até aqui, ele sempre esteve comigo.

Agradeço aos meus pais, Marcos e Sandra, aos meus irmãos Leandro e Rejane pelo apoio, compreensão, ajuda e companheirismo.

Ao meu orientador Prof. Mst. Bruno Lassmar Bueno Valadares pela paciência, pelo apoio e direcionamento.

A Profa. Dra. Márcia Cristina Cury, por me ensinar como escrever, pesquisar e pela amizade dedicada.

Às amigas e colaboradoras Franciele e Marianna pela força, ajuda e por dividir comigo os momentos dessa caminhada.

À coordenadora do curso, Prof. Dra. Cecília Lomônaco de Paula, pelo auxílio prestado em todos os momentos.

Á amiga e funcionária Sirlene por participar de minha caminhada em momentos especiais.

Às professoras Eleusa e Alessandra pela participação e apoio na formação da banca de correção deste trabalho.

Aos colegas que de alguma forma contribuíram, torceram e deram força durante o caminho.

À todos que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho.

Meus sinceros agradecimentos e votos de sucesso, vocês serão imortais em meu coração.

ABREVIATURAS UTILIZADAS

- 1- UFU** – Universidade Federal de Uberlândia
- 2- MAC** – Métodos Anticoncepcionais
- 3- DST** – Doenças Sexualmente Transmissíveis
- 4- BEMFAM** - Sociedade Civil Bem Estar Familiar no Brasil

RESUMO

O presente estudo buscou responder até que ponto a tabela de Ogino-Knauss (tabelinha do Ciclo Menstrual) é conhecida e utilizada no meio universitário especificamente nos cursos de ciências biomédicas da Universidade Federal de Uberlândia - MG, e se além de um método anticoncepcional a tabelinha age também como um meio de autoconhecimento feminino, auxiliando na saúde da mulher. De acordo com os dados levantados, 100% das entrevistadas conhecem o método, porém o ensino superior pouco contribuiu para o aprofundamento de sua importância e desse modo, apenas 12% das entrevistadas se julgam capazes de discutir aprofundadamente o assunto, e 66,6% acreditam que o método tem relação e pode interferir positivamente com a saúde da mulher.

UNITERMOS: Tabela de Ogino-Knauss; Ciclo Menstrual; Tabelinha .

INTRODUÇÃO

No contexto dos direitos reprodutivos, a liberdade de escolha é fundamental na área da regulação da fecundidade. Para optar por um método contraceptivo de forma livre e informada, as mulheres precisam conhecer e ter acesso a todos os métodos anticoncepcionais (MAC).(OSIS ET AL,2004)

No entanto, a maioria dos estudos realizados nessa área não engloba aspectos mais específicos, como forma de uso e possíveis efeitos indesejados.(OSIS ET AL., 1999) Por exemplo, Hardy et al (1991) verificaram que usuárias de pílula anticoncepcional, que referiram apresentar contra-indicações para o uso do método, não as reconheciam como tais. Ou seja, pareciam, na verdade, não saber que o uso da pílula não lhes era recomendado. Vieira (1994, 1998), estudando mulheres da Região Metropolitana de São Paulo, verificou também uma defasagem entre a referência a conhecer os diferentes MAC e o conteúdo desse conhecimento. De modo semelhante, em Recife, Moraes Filho et al (1997) também apontaram que as mulheres pouco sabiam a respeito dos métodos a que se referiam espontaneamente como sendo conhecidos.

No Brasil, a prevalência do uso desses métodos é alta, porém concentrada na esterilização tubária e na pílula anticoncepcional de acordo com BEMFAM (1997) e em

meio a várias ambigüidades o controle da natalidade no Brasil, conseguiu se efetivar, mesmo na ausência de qualquer política contraceptiva. Stephan-Souza (1995)

Com respeito ao conhecimento que as mulheres têm acerca de distintas opções contraceptivas, a Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde (PNDS)² de 1996 confirmou o que outros estudos (VIANNA, OSIS & CECATTI, 1997) menos abrangentes já haviam apontado: em geral, quase todas as mulheres referiam conhecer pelo menos algum método anticoncepcional. (BEMFAM/MACRO, 1997) A utilização de métodos contraceptivos, por sua vez, está fortemente relacionada com o nível de instrução. Observa-se que a taxa de fecundidade é maior entre as adolescentes e jovens que apresentam menor escolaridade de acordo com Yasaki & Morel (2000).

A História da anticoncepção constituiu se inicialmente de chás e barreiras arcaicas de proteção, até que no ano de 1932, dois médicos, o japonês Ogino e o austríaco Knauss, concluíram, após várias pesquisas sobre o ciclo menstrual da mulher, que a ovulação ocorre aproximadamente no 14º dia antes da próxima menstruação. (GUYTON, 1988) Surgiu então a famosa tabelinha ou tabela de Ogino-Knauss, que permite, através de cálculos matemáticos, identificar em que épocas a mulher pode ou não engravidar.

Também chamada de método comportamental ou natural, a tabelinha é um dos únicos métodos anticoncepcionais aprovados pela Igreja Católica o que a tornou muito bem difundida. Entretanto, ela ignora variações individuais de ciclo para ciclo e deve ser utilizada apenas por mulheres que têm um ciclo menstrual regular, calculado hoje em 20% da população feminina. Consiste em suspender as relações sexuais no período fértil da mulher (<http://www.abcdasaude.com.br/artigo>). Baseia-se na premissa de que os ciclos

menstruais são relativamente constantes e por isso o período fértil do mês subsequente pode ser estimado pelo ciclo anterior. O método é um pouco trabalhoso, pois a mulher deve anotar a data do início de cada menstruação durante, no mínimo, 6 meses antes de validar o método como medida de prevenção a gravidez. Apresenta a vantagem de ser um método natural, não afetar a saúde da mulher negativamente, uma vez que seu uso gera conhecimento da mulher acerca de seu corpo o que pode afetar positivamente sua saúde, além disso não utiliza técnicas artificiais o que é bastante benéfico para o organismo. Entre as suas desvantagens citam-se seu baixo índice de eficácia, em média 80% pois não prevê as alterações do ciclo menstrual, que podem ser provocadas pelo stress, cansaço, doenças, irritação, estado emocional, e até mesmo por chás, pílulas e receitas caseiras, requer um fiel acompanhamento dos ciclos e uma atualização periódica dos dados além de não proteger de doenças sexualmente transmissíveis (DST's).

Sendo assim, o presente estudo busca responder até que ponto a tabelinha é conhecida e utilizada no meio universitário especificamente nos cursos de ciências biomédicas, e se além de um método anticoncepcional a tabelinha age também como um meio de autoconhecimento feminino, auxiliando na saúde da mulher.

OBJETIVOS

Analisar através de pesquisa direta, o grau de conhecimento e aplicação da tabela de ogino-knauss por universitárias dos cursos de ciências biomédicas da Universidade Federal de Uberlândia-MG.

Correlacionar os dados com a adequação da informação acerca do funcionamento da tabelinha e o autoconhecimento auxiliando na saúde da mulher.

MATERIAL E MÉTODOS

Foi utilizada uma metodologia de caráter quali-quantitativo. Para a coleta de dados, foi selecionada aleatoriamente, uma amostra representativa dos estudantes de graduação da Universidade Federal de Uberlândia, localizada na cidade de Uberlândia, no ano de 2006. Para a composição da amostra, foram convidadas alunas voluntárias, através de abordagem direta no segundo piso da biblioteca do campus da UFU, e freqüentes nos cursos de Odontologia, Medicina, Ciências Biológicas, Medicina Veterinária, Enfermagem e Psicologia*, no segundo semestre de 2005**. A pesquisa constou de um questionário auto-aplicável em que as entrevistadas após a abordagem e o convite respondiam em loco e ao final de suas respostas eram argüidas, quando concordavam em um procedimento de entrevista informal. Os dados coletados foram analisados e tabulados, buscando respostas para os objetivos do trabalho. No total foram entrevistadas e analisadas respostas de 50 alunas, sendo 9 de cada curso e 5 da enfermagem, por ser este um curso de período noturno, as graduandas foram menos encontradas e pouco receptivas ao projeto dado o curto tempo de que dispunham.

O questionário auto-aplicável foi objeto principal para coleta de dados e constou de 5 questões, sendo 3 fechadas e 2 abertas as quais foram coletadas em anonimato, sendo garantido o sigilo das informações e o caráter voluntário da participação, de acordo com as normas do comitê de ética em pesquisa humana.

*O curso de Psicologia da UFU pertence ao departamento de Ciências Humanas.

* O referido semestre foi prolongado para o ano de 2006, devido à greve do ensino superior ocorrida entre os meses de setembro à dezembro de 2005, cuja reposição ocorreu a partir de janeiro de 2006.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

“A realidade da anticoncepção para a mulher brasileira tem suscitado discussões diversas nos últimos anos, as quais envolvem desde aspectos sociais - pois as mulheres estão inseridas em um quadro de desigualdade de direitos, de oportunidades e de recursos financeiros - até aspectos políticos, uma vez que os programas de atenção a sua saúde não estão efetivamente implementados (BERQUÓ ET AL, 1985; MORELL, 1994; SCHOR, 1995)”.

Das necessidades de assumir uma postura crítica e se aprofundar no vasto universo da sexualidade humana, surgem os questionamentos sobre a quem realmente cabe a responsabilidade do tema e em que esferas ele deve ser discutido e aprofundado.

Este estudo trouxe uma noção da realidade dos estudantes do ensino superior frente a temas que muitas vezes são considerados pré-adquiridos e por isso não são levados em conta na montagem de programas e pautas didáticas, ou visto de forma superficial durante os cursos superiores.

O presente estudo se pautou em uma pesquisa auto-aplicável entre alunas de 6 cursos localizados no campus Umuarama da UFU. Cursos que formam profissionais atuantes nas áreas de saúde e educação.

A observação aponta para o fato de que o início da atividade sexual tem ocorrido na adolescência. Em estudo concernente à anticoncepção e adolescência com a mesma população, Schor (1995) observou que, quanto menor a idade da adolescente ao iniciar a vida sexual, menor a chance de ela estar usando algum MAC e, conseqüentemente, maior a probabilidade de ficar grávida logo nas primeiras relações.

Nos ensino superior acredita-se que esta realidade é um pouco diferente, pois o acesso à informação é diferenciado. Entretanto à todos os semestres inúmeras estudantes de graduação engravidam e muitas acabam por abandonar os estudos, exemplo claro de que a informação ainda é insatisfatória para leva-las à prevenção. Esta pesquisa pautou-se em questões diretas porem relevantes e de resposta rápida, que buscou em principio averiguar o conhecimento do tema. A primeira questão apresentada questionou basicamente o conhecimento da tabela de Ogino-knauss.

A resposta como esperada, abrangeu 100% das entrevistadas que afirmaram conhecer o método que se baseia no ciclo menstrual. Este índice encontra respaldo nos estudos de Schor et.al (1995) que aponta em suas pesquisas, a abstinência periódica, período fértil em que a mulher deixa de manter relações sexuais, como método apontado por 70.1% das mulheres brasileiras.

Sim	Não
82%	18%

Tabela 1 – representa o número de resposta á 2ª questão do formulário do anexo 1.

Posteriormente as estudantes foram questionadas quanto à contribuição do ensino superior com o tema estudado. Os índices apontam para um déficit dentro dos programas que deixam de fora discussões mais aprofundadas acerca das implicações do conhecimento da tabelinha, 82% das entrevistadas responderam que o ensino superior em nada contribuiu para efetivar seus conhecimentos quanto ao uso e funcionamento da tabela de Ogino-knauss. De modo geral, Schor (1995) já apontava para esse déficit e cita em seu estudo que a informação quanto a esse tipo de MAC tem sido ainda fornecida, em grande parte, em âmbito popular, estando os serviços de saúde ao largo desse processo, enclausurados em si mesmos ou em suas rotinas administrativas, talvez indiferentes às necessidades relacionadas à anticoncepção.

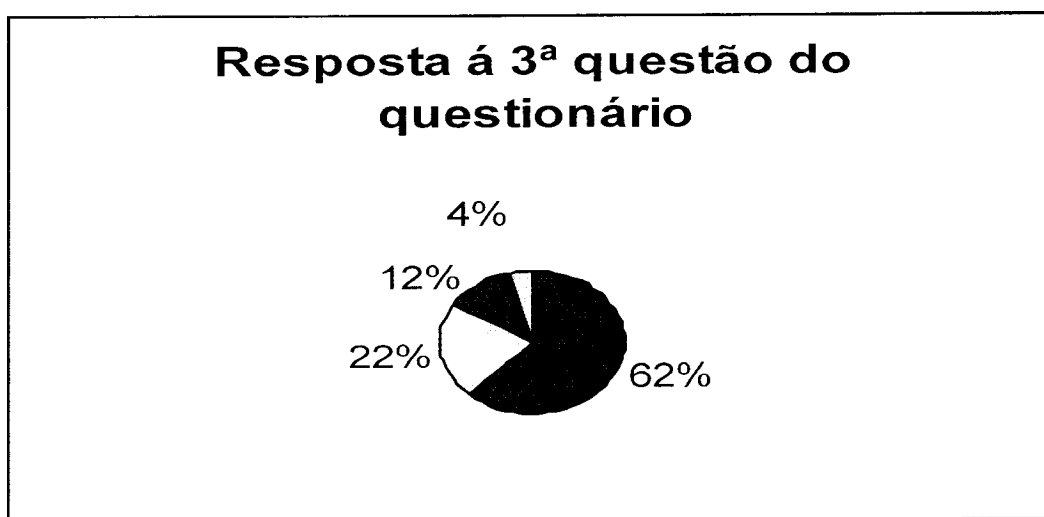


Gráfico 2 – Responde quanto ao preparado das entrevistadas sobre a tabela de Ogino-Knauss

Quando questionadas quanto ao grau de preparo quanto ao assunto, as entrevistadas acreditam que o método da tabelinha seria um transtorno caso fosse levada à uma discussão mais aprofundada, e 62% delas responderam que sentem-se preparadas para discussões superficiais sobre o tema, contra apenas 12% que se dizem preparadas para discussões aprofundadas sobre o tema. Responderam ainda que não se sentem preparadas para discutir o assunto 22% e 4.0% acreditam que o conhecimento do tema não é importante em sua

profissão. A questão apesar de simples serviu para mostrar que apesar de acreditarem que no ensino superior o conhecimento está sólido, ainda existem diversos pontos que devem e podem melhorar principalmente quando se leva em conta que os cursos pesquisados formarão profissionais que irão atuar nas áreas de saúde e educação, devendo estar muito bem preparados para a transmissão do conhecimento.

Quando questionadas quanto a importância de se conhecer o método da tabelinha as entrevistas apontaram para a ineficácia do mesmo como sendo um fator para melhorar o conhecimento em 88% dos casos. Uma entrevistada do 6º período de odontologia respondeu “o método é falho e incomodo pois exige disciplina e atenção, e mesmo assim não funciona, mas todos devem saber como usa-lo em situações de emergência”, em outro caso a estudante do curso de medicina veterinária respondeu “o índice de falha é extremamente elevado, porisso todos devem conhecer o método para que possa evitar seu uso” apenas 5 alunas correlacionaram o uso e conhecimento do métodos como uma forma de autoconhecimento do corpo feminino e seu funcionamento. Neste caso as entrevistadas não correlacionaram, o método com o descobrimento e intimidade da mulher e com o funcionamento de seu próprio corpo. Apenas 1 entrevistada não conseguiu argumentar e optou por não responder à questão.

Ainda questionadas quanto a contribuição deste método com a saúde da mulher o índice de respostas foi assustadoramente baixo, apenas 18% das pesquisadas apresentaram argumentos. Considerando este valor como 100% das que responderam, 44,4% acredita que o método pode contribuir com a saúde da mulher se for melhorado e associado com outros métodos permitindo uma maior eficácia na anticoncepção; 22,2% apontaram que o método por ser natural isenta a mulher do risco dos métodos hormonais; 22,2% acreditam que a saúde da mulher não se relaciona à qualquer método contraceptivo e que portanto a questão é irrelevante e outros 11,1% acreditam que na medida em que a mulher conhece seu ciclo e seu corpo, ela pode prevenir doenças e irregularidades que ocorrerem capacitando-as à prevenção ou mesmo o diagnóstico precoce, sendo esta a maior contribuição deste método e o motivo pelo qual ele deve continuar sendo ensinado. Ainda na 5ª questão que foi aplicada de forma dissertativa, elas foram questionadas quanto ao principal argumento negativo ao uso da tabelinha como método contraceptivo, na resposta elas apontaram o risco de DST's em 92.% .

A pesquisa constou ainda de um teste que buscou averiguar o real conhecimento das entrevistadas quanto ao funcionamento da tabela de Ogino-Knauss. Foi sugerido um ciclo de 30 dias, com o dia 13 apontado como sendo o 1º dia da menstruação. Pediu-se para que apontassem o provável dia fértil. A resposta apontou em 100% dos casos o dia 27 como sendo o dia fértil, ou seja, considerou-se como ciclo fixo de 28 dias, quando o sugerido foi de 30 dias apontado o desconhecimento do método e de suas variações.

CONCLUSÃO

Apartir dos dados apresentados fica caracterizado que existe um déficit no ensino superior quando se trata de métodos contraceptivos e especialmente na questão da tabela de Ogino-Knauss, isso reflete na ineficiência da orientação de jovens e adolescentes por parte dos órgãos de saúde e educação, os quais deveriam ser os melhores preparados.

A mulher que conhece e se relaciona com seu próprio corpo aprende a valoriza-lo, o que seria argumento para campanhas de conscientização e contribuiria com a redução na banalização sexual, problema grave em nosso País. Deste modo o conhecimento dos diversos meios contraceptivos e da tabelinha em especial deveria ser aprofundado e discutido em sala de aula principalmente no ensino superior.

REFERENCIA BIBLIOGRÁFICA

BERQUÓ, E.; MORELL, M. G. G. P.; SILVA, R. S. & MARQUES, R. M., 1985. **São Paulo e sua fecundidade: Um estudo das variáveis intermediárias e dos diferenciais socioeconômicos da fecundidade**. In: Série São Paulo 80, vol. 1, pp. 18-30, São Paulo: Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados - SEADE.

GYTON, A. C. **Fisiologia humana**. Rio de Janeiro, 1988. ed. Guanabara Koogan, Cap.8, p262-289.

HARDY E. MORAES TM, FAÚNDES A, VERA S. PINOTTI JA. **Adequação do uso de pílula anticoncepcional entre mulheres unidas**. Rev Saúde Pública 1991;25:96-102.

- MORAES FILHO OB, ALBUQUERQUE RM, HARDY E. **Conhecimento e uso de métodos anticoncepcionais por mulheres com aborto provocado ou espontâneo.** Rev IMIP 1997;11:32-40.
- MORELL, M. G. G. P., 1994. **Anticoncepção em São Paulo em 1986: Prevalência e características.** Informe Demográfico, 25:199-333.
- OSIS MJD, FAÚNDES A, SOUSA MH, BAILEY P. **Conseqüências do uso de métodos anticoncepcionais na vida das mulheres: o caso da laqueadura tubária.** Cad Saúde Pública 1999;15:463-76.
- OSIS, M.J.D; DUARTE, G.A; CRESPO, E.R; ESPEJO,X; DE PÁDUA. K.S. **Escolha de métodos contraceptivos entre usuárias de um serviço público de saúde.** Cad. Saúde Pública, v. 20, n. 6. Rio de Janeiro nov/dez. 2004.
- SCHOR, N. & MORELL, M. G. G. P., 1994. **Saúde Reprodutiva: Uma Tentativa de Caracterização das Condições de Reprodução em São Paulo.** Relatório de pesquisa. São Paulo: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq. (mimeo.)
- SCHOR, N., 1995. **Adolescência e Anticoncepção: Conhecimento e Uso.** Tese de Livre Docência. São Paulo: Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo.
- STEPHAN-SOUZA. A. I. **Relendo a Política de Contracepção: O Olhar de um Profissional Sobre o Cotidiano das Unidades Públicas de Saúde.** Cad. Saúde Pública., Rio de Janeiro. II (3): 408-424. Jul/Sep. 1995.)
- VIANNA AS. OSIS MJD, CECATTI JG. **Conhecimento e uso de métodos anticoncepcionais em uma corte de mulheres de Campinas, São Paulo, Brasil.** In:

Anais da 15ª Reunião da Associação Latino-Americana de Investigadores em Reprodução Humana; 1997, Cuzco-Peru. p. 144.)

VIEIRA EM. **A esterilização de mulheres de baixa renda em região metropolitana do sudeste do Brasil e fatores ligados à sua prevalência.** Rev Saúde Pública 1994;28:440-8.

VIEIRA EM. **O arrependimento após a esterilização feminina.** Cad Saúde Pública 1998;14 Supl 1:59-68.

YAZAKI LM, MORELL MGG. **A primeira experiência sexual, conjugal e materna.** In: Fundação SEADE. Vinte anos no ano 2000: estudos sociodemográficos sobre a juventude paulista. São Paulo; 1998. p. 149-52.)

Sociedade Civil Bem Estar Familiar no Brasil. Pesquisa nacional sobre demografia e saúde. 1996. Rio de Janeiro: BEMFAM/MACRO; 1997.

<http://www.abcdasaude.com.br/artigo>, acessado em 23/01/06 as 11:46hs.

ANEXO I

Formulário de pesquisa utilizado na coleta de dados.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Formulário de Pesquisa Anônima

Curso: _____ Período: _____

- 1- Você conhece a tabela de Ogino-Knauss (tabelinha do ciclo menstrual)?
() Sim () Não
- 2- O ensino superior contribuiu para o conhecimento sobre o funcionamento e a importância da tabelinha?
() Sim () Não
- 3- Como pré-profissional da área de saúde e/ou educação, como você se vê perante o assunto, especificamente sobre a tabelinha?
() Preparado para discussões aprofundadas sobre o assunto.
() Preparado para abordar sucintamente o assunto.
() Despreparado para discussões sobre o assunto.
() Acha o assunto irrelevante para a sua profissão.
- 4- A tabelinha é um método comportamental ou natural, e é um dos métodos anticoncepcionais aprovado pela Igreja Católica o que a tornou muito bem difundida. Entretanto, atualmente existem métodos contraceptivos mais eficazes e modernos, ainda assim você acha importante conhecer esse método? Porque? Cite dentro de sua resposta uma importância do mesmo.
- _____
- _____
- _____
- _____
- 5- Em que sentido o conhecimento deste método contraceptivo pode contribuir para a saúde da mulher? Qual o principal argumento negativo ao seu uso, pregado por médicos e campanhas?
- _____
- _____
- _____
- _____